



5130

PROJETO DE LEI N. 13.329/2014

A Câmara Municipal de Maringá, Estado do Paraná,

APROVA:

Denomina a Rua 61.008, na Zona 61.

Art. 1.º Fica denominada **Theuza Belize Sbrana** a Rua 61.008, situada na Zona 61, em toda a sua extensão.

Art. 2.º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Plenário Vereador Ulisses Bruder, 26 de setembro de 2014.


ULISSES DE JESUS MAIA KOTSIFAS
Vereador-Autor

BIOGRAFIA: THEUZA BELIZE SBRANA

Filha de Rosalinda Scanacapri (italiana) e Inocência Belize (filho de italiano) nasceu no dia 13 de março de 1926, na Fazenda America no Distrito de Jataizinho (hoje Município de Luiz Antonio), Município de São Simão, sendo registrada com o nome de THEREZA, em homenagem a sua avó materna. Passou sua infância e adolescência em companhia de três irmãos e três irmãs na referida fazenda, migrando com a família para a Fazenda Nova America, no Distrito de Tarumã (hoje Município de Tarumã), Município de Assis/SP.

Na fazenda Nova America, casou com Emilio Sbrana, no dia 13/12/1947, de família conhecida desde a Fazenda America. Com o casamento, por erro do cartorário, passou a se chamar THEUZA, seu atual nome. Nesta mesma fazenda teve seus dois primeiros filhos: Orivaldo Sbrana, nascido em 26/03/1949 e Waldemar Sbrana, nascido em 13/10/1950. No mesmo ano do nascimento de segundo filho, migrou com seu marido para a Fazenda dos Mantovani, em São Martin no Município de Rolândia/PR, onde morou por aproximadamente um ano, mudando para a Cidade de Maringá, em julho de 1951.

Após tantos anos trabalhando na área rural como colonos ou percenteiros, resolveram tentar a sorte na cidade, adquirindo um pequeno comercio (bar) na Av. Brasil esquina com a Rua Pombal, onde moraram por dois anos (1951/1953) e, neste mesmo endereço nasceu a filha Neusa, no dia 13/10/1952. Com a venda do comércio, seu esposo passou de comerciante a comerciário, e, como assalariado sua renda era muito pequena e para auxiliar nas despesas de casa, passou a lavar roupas para as famílias mais abastadas. Um sacrifício imenso, pois pela manhã ia buscar grandes trouxas de roupas e após lavar e passar, pela tarde retornava com as mesmas sobre a cabeça, para fazer a entrega e receber pelo labor. Diga-se de passagem, muito penoso, uma vez que a água era retirada de poço e o combustível para ferver a roupa era resto de madeira e pó de serra, sobras das serrarias, e o ferro de passar era à brasa, dificultando muito a execução da tarefa e, colocando em risco as roupas, pois a qualquer momento uma fagulha, poderia vir a queimar a roupa.

O sacrifício valeu à pena, pois no início da década de 60, conseguiu com seu esposo adquirir um terreno com um casebre, na Av. Riachuelo 607, na Zona 03 ou como queiram na Vila Operária, e, após uns dez anos, trabalhando com muito afinho, agora nas máquinas de beneficiamento de café durante a semana, e, aos sábados, domingos e feriados, bem como, nos períodos noturnos, contando com a ajuda dos filhos, na tarefa de escolha de café. Com muito esforço conseguiram construir uma casa melhor, porém, ainda de madeira. Somente no

início da década de 80, realizou o sonho de construir uma casa de alvenaria, mais sólida e confortável, onde residiu até 08.02.2013, data de sua morte.

Somente na década de 80 deixou de lavar roupas para ajudar nas despesas domésticas, pois com os filhos já adultos aos poucos as coisas foram melhorando, porém, para ajudar o esposo a quitar as dívidas advinda da construção da nova casa, passou a trabalhar como artesã, confeccionando bonecas de cordas e vendendo de porta em porta.

De origem muito humilde e tendo que trabalhar na lavoura desde os sete anos nunca frequentou um banco escolar, aprendeu com a filha caçula a soletrar algumas palavras com dificuldade e assinar seu nome, mas controlava como ninguém seus poucos recursos, fazendo de cabeça os cálculos de suas compras e antes mesmo que lhe apresentasse a conta já sabia o valor a pagar e o troco a receber.

Entre o ano de 1951 e o início dos anos 60, morou em diversos endereços, mas sempre na Vila Operária de onde nunca se mudou apesar das casas humildes, sem forro e muitas vezes de chão batido. Defendia como leoa seus filhos e nunca deixou que lhes faltassem, alguma coisa, principalmente, estudo.

Em 12 de junho de 2006, perdeu seu inseparável companheiro de toda uma vida, e, desde então veio aos poucos perdendo a vontade de lutar pela vida, sem nunca deixar de contar com seus filhos, netos e bisnetos. Seu sobrenome correto seria BELISSE e não BELIZE, como foi registrada.

Maringá, 26 de agosto de 2013.